

Concepção ideológica no processo pedagógico da alfabetização

Magalis Bésseer Dorneles Schneider¹

Norma Lucia Queiroz²

RESUMO

A ideologia é uma categoria indispensável para análise e compreensão do processo educacional nos dias de hoje. Práticas pedagógicas ideológicas podem estar presentes tanto no plano da consciência quanto do falseamento da realidade. A questão é saber: qual a concepção ideológica presente no processo pedagógico da alfabetização? A fim de responder esta questão, realizou-se uma pesquisa etnográfica em duas escolas públicas do Distrito Federal, destacando-se as categorias: concepção pedagógica da escola e concepção pedagógica do professor e o compromisso político, ideológico com o trabalho docente. O objetivo deste artigo é analisar a concepção pedagógica de professores e gestores da alfabetização numa perspectiva ideológica. Verificou-se com a pesquisa que a concepção pedagógica de professores e gestores da alfabetização é compreendida como atingir metas de alfabetização e letramento. A interdisciplinaridade, currículo integrado, mesmo existindo nos documentos e nas falas dos entrevistados, nas observações diretas, não se constatou na prática. A concepção numa perspectiva ideológica está no autoconvencimento que está contribuindo com o processo pedagógico de qualidade, porém torna-se contraditório na manutenção de momentos de treinamento para as avaliações nacionais a fim de alcançar resultados satisfatórios.

Palavras-chave: Alfabetização. Ideologia. Processo pedagógico

1 Doutora em Educação pela Universidade de Brasília – UNB. Professora do curso de Pedagogia, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Arraias, Brasil. Pesquisadora do HISTEDBR e da Política de formação de Professores da Universidade Aberta do Brasil – UAB. E-mail: magalisdorneles@gmail.com

2 Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília – UNB. Professora colaboradora Curso de Licenciatura da Educação do Campo – LEDoC/FUP/UnB. Pedagoga da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), Brasília. E-mail: normaluciaqueiroz@gmail.com

Ideological conception in the pedagogical process of literacy

ABSTRACT

Ideology is a category now indispensable for the analysis and understanding of the educational process. Ideological pedagogical practices may be present in the plan of consciousness and the falsification of reality. The question is: what is the ideological conception present in the pedagogical process of literacy? In order to answer this question an ethnographic research was carried out in two public schools of the Federal District, highlighting the categories: the pedagogical conception of the school and the pedagogical conception of the teacher and the political, ideological commitment with the teaching work. The aim of this article is to analyze the pedagogical conception of teachers and literacy managers in an ideological perspective. It was verified with the research that the pedagogical conception of teachers and managers of literacy is understood as reaching goals of literacy and literacy. The interdisciplinarity, integrated curriculum, even existing in the documents and speeches of the interviewees, in the direct observations, it was not verified in practice. The conception in an ideological perspective is in the selfconviction that is contributing with the pedagogical process of quality, but becomes contradictory in the maintenance of training moments for the national evaluations in order to reach satisfactory results.

Keywords: Literacy. Ideology. Pedagogical process.

Concepción ideológica en el proceso pedagógico de la alfabetización

RESUMEN

La ideología es una categoría indispensable para análisis y comprensión del proceso educativo en los días de hoy. Prácticas pedagógicas ideológicas pueden estar presentes tanto en el plano de la conciencia cuanto del falseamiento de la realidad. La cuestión es saber: ¿cuál es la concepción ideológica presente en el proceso pedagógico de la alfabetización? Con la finalidad de responder a esta cuestión, se realizó una investigación etnográfica en dos escuelas públicas del Distrito Federal, destacándose las categorías: concepción pedagógica de la escuela y concepción pedagógica del profesor y el compromiso político, ideológico con el trabajo docente. El objetivo de este artículo es analizar

la concepción pedagógica de profesores y gestores de la alfabetización en una perspectiva ideológica. Se verificó con la investigación que la concepción pedagógica de profesores y gestores de la alfabetización es comprendida como alcanzar metas de alfabetización y alfabetismo. La interdisciplinariedad, currículo integrado, mismo existiendo en los documentos y en las palabras de los entrevistados, en las observaciones directas, no se constató en la práctica. La concepción en una perspectiva ideológica está en el autoconvencimiento que está contribuyendo con el proceso pedagógico de calidad, pero se vuelve contradictorio en el mantenimiento de momentos de entrenamiento para las evaluaciones nacionales a fin de alcanzar resultados satisfactorios.

Palabras clave: Alfabetización. Ideología. Proceso Pedagógico.

Introdução

O conceito da concepção ideológica ligada à concepção pedagógica surge em relação ao pensamento e à ação da político-social. Entendia-se na história de formação que a educação escolar, formal, tratava-se de um processo neutro. A partir do século XIX, já sob impacto da ciência moderna com as explicações da natureza humana, a educação passou por um trabalho de cientificização, assim identificam-se com as várias manifestações e intervenções do fenômeno educativo. Nem a perspectiva filosófica científica moderna percebeu a dimensão ideológica da atividade da consciência humana e conseqüentemente do processo educacional (SEVERINO, 1986).

Sabe-se que a escolarização tem uma estrutura classista, sendo parte do aparelho ideológico do Estado e uma causa da hegemonia burguesa, por isso tem um papel reprodutor das desigualdades. O sistema educacional produz intelectuais que fortalecem a burguesia quanto ao aspecto econômico, político e social (GRAMSCI, 2000).

Dessa maneira, o processo de alfabetização e letramentos, presentes no ato de aprender a ler e escrever poderá ter um discurso para compreensão do mundo e a realidade antes mesmo de ler a palavra escrita (FREIRE, 2011) ou manter uma ideologia mantenedora da marginalização da escola. "Isso porque o grupo ou classe que detém a maior força se converte em dominante se apropriando dos resultados da produção social, tendendo em consequência, a relegar aos demais à condição de marginalizados" (SAVIANI, 2009, p. 4).

A palavra ideologia chegou a ser usada no século XVII por alguns pensadores que ficaram conhecidos como os ideólogos, porém o significado da palavra representava o estudo do mundo das ideias. Contudo, na perspectiva marxista a orientação foi eminentemente política, uma vez que a percepção da realidade era de natureza político-social. O termo ideologia pode ser compreendido como um processo realizado conscientemente, porém com uma consciência, que muitas vezes, não condiz com a realidade, mesmo assim passa a ilusão de que as ações humanas decorrem de decisões livres e soberanas (SEVERINO, 1986).

Com essa visão, este artigo procura apresentar, a partir de uma pesquisa etnográfica, a concepção pedagógica e ideológica que perpassam pelos atores da escola, especialmente, gestores e professores alfabetizadores. A abordagem da questão ideológica na esfera educacional remete ao pensador italiano Antônio Gramsci que salientará o papel da educação na configuração, disseminação e reprodução da ideologia dominante e na própria estrutura de produção econômica deste grupo.

A partir dessa visão de reprodução e hegemonia a questão é saber: qual a concepção ideológica presente no processo pedagógico da alfabetização? A fim de responder essa questão realizou-se uma pesquisa etnográfica em duas escolas públicas do Distrito Federal, destacando-se as categorias: A concepção pedagógica da escola e do professor e o compromisso político e ideológico com o trabalho docente. O objetivo deste artigo é analisar a concepção pedagógica e ideológica de professores e gestores da alfabetização.

Para realizar a pesquisa utilizaram-se como coleta dos dados observações, entrevistas e aplicação de questionários. O percurso percorrido foi de uma pesquisa etnográfica que visa o interesse pelo método de observação participante, na qual a observação e a participação entrelaçam-se. O etnógrafo participa ativamente da vida diária das pessoas por um período longo de tempo, observando o que acontece, escutando o que é dito, fazendo perguntas, coletando qualquer dado que esteja disponível (FLICK, 2004).

A investigação ocorreu no período de agosto a novembro de 2014, em 10 encontros de 6 horas, em duas salas de aulas de alfabetização, de duas escolas públicas do Distrito Federal. As professoras que contribuíram com a pesquisa são alfabetizadoras efetivas da Secretaria de Educação do Distrito Federal, sendo que uma possui 15 alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, na escola da Regional do Gama e a outra,

24 alunos do 2º ano da Regional do Guar no turno matutino. As professoras selecionadas foram indicadas pela escola por motivo de terem experiências há mais de 10 anos em alfabetizao, atendendo assim aos objetivos da pesquisa.

A análise foi realizada utilizando a triangulao das informao es colhidas nas observao es, entrevistas e questionários aplicados com as professoras, tendo como propósito identificar as práticas bem sucedidas na alfabetizao que refletissem na aprendizagem dos alunos e as variáveis que permeavam essa prática educativa. O recorte da ideologia foi selecionado para este artigo, sendo uma das categorias pesquisadas, a fim de apresentar a alfabetizao em uma perspectiva crítica, reflexiva e social.

Alfabetizao e ideologia

A alfabetizao, no século passado, assegurada pelo governo federal tinha o objetivo de ensinar e decifrar palavras simples, agravado pela quantidade de analfabetos era contínua em decorrência dos sistemas escolares inadequados e as condio es sociais de desigualdades (CARVALHO, 2012; SCHNEIDER & GOMES, 2015). O discurso da educao popular no Brasil  antigo precede a proclamao da República. Em 1882, após um diagnóstico da educao dos brasileiros, constata-se a precariedade do ensino para o povo e diante dessa conjuntura propõem-se a multiplicao das escolas e a melhoria na qualidade do ensino (SOARES, 2006). Entretanto, a proclamao em 1889 significou apenas a vitória das ideias laicas com a separao entre a igreja e Estado e a abolio do ensino religioso nas escolas. Mesmo assim, a educao popular não foi considerada como questão nacional, pois na República Federativa a instruo popular estava descentralizada, mantendo-se o ensino primário sob a responsabilidade das antigas províncias transformadas em Estados federados (SAVIANI, 2006).

A educao  definida na Constituio Federal de 1946 como direito de todos e o ensino primário como obrigatório para todos e gratuito nas escolas públicas. Entretanto passados 15 anos, a lei foi aprovada em 1961, não correspondendo ao esperado, pois o próprio texto excluía a responsabilidade quanto ao cumprimento da obrigatoriedade escolar, pois se o pai ou responsável comprovasse situao de pobreza ou Estado  insuficiência de escolas o direito da educao, permanecia no papel.

Soares (2006) afirma que é preciso pensar se a escola é para o povo ou contra o povo, pois já em 1882, Rui Barbosa, já denunciava a precariedade do ensino para o povo no Brasil. Assim, expressões como igualdade de oportunidades educacionais e educação como direito de todos, tornaram-se um repetido discurso em favor da democratização do ensino. E que continua hoje como campanhas políticas e promessas não efetivadas. A ideologia da falsa ideia de uma realidade justa e democrática continua materializando uma escola para os ricos e outra, para os pobres.

Soares (2006) também apresenta a ideologia do dom que tem o intuito de adaptar, ajustar os alunos à sociedade, de acordo com suas aptidões e características individuais. Nessa ideologia, explica-se que o fracasso do aluno é em decorrência da incapacidade dele se ajustar ao que lhe é oferecido, ou seja, a culpa do fracasso ou sucesso é dele mesmo. “A ideologia para Marx é a forma de representação no plano da consciência que serve para mascarar a realidade fundamental, que é a natureza econômica” (SEVERINO, 1986, p. 8).

Dessa forma, compreende-se que a ideologia poderá estar presente no processo pedagógico na alfabetização, representado pela alienação e muitas vezes manipulação da realidade. Assim, os estudos começam a descrever as condições de uso da leitura e escrita e os efeitos das práticas pedagógicas, que muitas vezes que produz analfabetos funcionais, que leem, mas não compreendem o que leem. Soares (2006) diz que os alunos provenientes das classes dominadas sofrem as desvantagens, ou déficits, resultantes de problemas de deficiência cultural, além das privações alimentares, de subnutrição, violências que teriam consequências sobre a capacidade de aprendizagem. Desta forma, a alfabetização e letramento tornam-se desafios a fim de fazer com esses alunos de classes subalternas possam ter acesso aos mesmos direitos econômicos, sociais e educacionais que os da classe elitizada.

Soares (2009) define o letramento como prática social de leitura e escrita, estado ou condição que uma pessoa apropria-se como prática social. O ser letrado consiste em adquirir não somente as habilidades de ler e escrever, mas de utilizar a leitura e escrita na sociedade. Assim, letramento não é “[...] algo que as pessoas têm ou não têm, mas ele é contínuo, variando do nível mais elementar ao mais complexo de habilidades de leitura e escrita e de usos sociais” (SOARES, 2009, p. 89).

Soares (2009) destaca a diferença do alfabetizado de letrado a partir da extensão e qualidade do domínio da leitura e da escrita. Diz que uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, lê e escreve, sabe que sons e as letras representam, mas não é necessariamente usuário da leitura e escrita na vida social. Resumindo o Alfabetizado e letrado é alguém que utiliza a escrita e leitura com desenvoltura e propriedade para dar conta das atribuições sociais e profissionais (CARVALHO, 2012; SCHNEIDER & GOMES, 2015).

Assim, dominar a língua escrita é muito mais que decifrar marcas feitas, pois a língua escrita tem uma multiplicidade de usos sociais. Por essa razão, uma criança quando chega à escola traz experiências do dia a dia do uso da leitura e escrita mesmo antes de ser alfabetizada (FERREIRO 1993).

Saber ler, escrever, interpretar, compreender e utilizar a leitura e escrita e diferentes situações sociais também são sinônimos de cidadania (MORTATTI, 2004). Em vista disso, a educação é um direito de todo cidadão brasileiro, sem qualquer distinção, garantido na Constituição Federal de 1988 nos artigos 6º. e 205. E a alfabetização é dever do Estado, a ser assegurado por meio da garantia de ingresso e permanência das crianças no ensino fundamental e, especialmente, pela aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais de escolarização (MORTATTI, 2004).

Desta forma, a alfabetização numa reflexão crítica se torna um veículo pelo qual os oprimidos são equipados com instrumentos necessários para reivindicar aquelas experiências históricas e existenciais que são desvalorizadas na vida cotidiana pela cultura dominante, com o objetivo de que sejam, não só validadas, mas também compreendidas criticamente. (MACEDO, 2000)

Soares (2006) demonstra como o fracasso escolar e a alfabetização, podem estar permeados pela ideologia do dom, o qual o aluno depois de se deparar com as deficiências afetivas, cognitivas, linguísticas, socioculturais e tantas outras, ainda é estigmatizado pela linguagem com discriminação e preconceito linguístico.

Ideologia e educação

Hoje, a ideologia é uma categoria indispensável para análise, bem como para compreender o processo educacional. É necessário colocar em prática um discurso filosófico que forneça subsídios para interpretação e

compreensão das relações sociais que interligam o discurso pedagógico com o discurso ideológico. A ideologia, para Marx, é uma forma de representação no plano da consciência que mascara uma realidade em prol de ganhos e ideias capitalistas. Nesta visão a classe dominante oculta à verdadeira intenção, justificada na ideologia. (SEVERINO, 1986).

A escola, hoje cumpre a ideologia da escola capitalista que transforma a escola em instrumento de reprodução da sociedade de classes. A ideologia pode ser reproduzida como manutenção e reforçamento da classe hegemônica, de forma “[...] inconsciente, uma vez que suas estruturas atuam como um processo que escapa a consciência do homem [...]” (SEVERINO, 1986, p.46).

A educação e o processo pedagógico são um processo social que se insere como parte do processo social global, isto significa que ela não pode ser considerada e compreendida isoladamente de seu contexto histórico-social (SEVERINO, 1986). Tanto o processo educacional, quanto à prática pedagógica, como qualquer outra atividade humana, passam por condicionantes sociais, econômicos e políticos, por isso não é um processo neutro.

Severino (1986) destaca que a educação não acontece de forma espontânea na realidade social, mas é regulada de acordo com as normas e regras definidas e impostas pelo Estado. Assim, a própria legislação desempenha a função de aparelho ideológico do Estado, viabilizando a hegemonia da sociedade. O Estado na história da educação brasileira aparece como o agente que de perto, ou de longe, busca coordenar o desenvolvimento da educação, fazendo o papel regulatório e ideológico por meio das diretrizes legislativas e pedagógicas.

Na perspectiva gramsciana, a escolarização proporcionada pelo Estado tem uma estrutura classista, como parte do aparelho ideológico do Estado e uma causa da hegemonia burguesa. O sistema educacional produz intelectuais que dão homogeneidade e fortalecem a burguesia quanto ao aspecto econômico, político e social. Esses intelectuais representam o grupo dominante e por isso desempenham um papel importante, exercendo funções inferiores de hegemonia social e no governo político.

Alguns desses intelectuais que originam de grupos subordinados deixam de ser ligados organicamente a classe de origem. Contudo, há aqueles intelectuais da classe trabalhadora, como exemplo o próprio Gramsci, que continuam ligados a sua classe. O partido revolucionário, para Gramsci, terá essa função de reunir intelectuais profissionais, tra-

dicionais, burgueses não corrompidos, não contagiados, intelectuais provenientes do proletariado e intelectuais proletários orgânicos, sendo pensadores com uma concepção consciente do mundo que transcenda seus interesses de classe.

A escola é um instrumento para a elaboração de diversos níveis de intelectuais, contudo, os diferentes tipos de escolas na perspectiva econômica e as diferentes aspirações das várias categorias destas escolas darão forma e desenvolverão diferentes ramos ideológicos. Na escola, verifica-se um processo de dicotomia entre as escolas, preocupadas em satisfazer interesses práticos imediatos, econômicos e o da escola formativa, imediatamente desinteressada. O paradoxo reside nesse tipo de escola que se declara como democrática e que, na realidade, fomenta e destina-se a perpetuar as diferenças sociais (GRAMSCI, 2000).

A concepção pedagógica da escola e a concepção pedagógica do professor

Considera-se a Concepção Pedagógica da escola aquele espaço pedagógico que educa os alunos para práticas apolíticas, dialógicas, de autonomia e de respeito ao educador e ao educando. “Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica.” (FREIRE, 1996, p. 7) E concepção pedagógica do professor aquela que instiga, suscita a curiosidade, cria possibilidades para construção e reconstrução do conhecimento, como algo que está em constante transformação e de emancipação.

A concepção pedagógica nas escolas pesquisadas é norteadada pelo currículo em movimento, articulada aos eixos integradores do PNAIC (alfabetização, letramento e ludicidade) com o propósito emancipador.

O currículo em movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal ancora-se na pedagogia histórico-crítica e na psicologia histórico-cultural, considerando que o trabalho pedagógico apoia-se na prática social e por meio da mediação, da linguagem e da cultura e a interação do sujeito com o meio e com os outros.

Os conteúdos são organizados, a partir de diferentes áreas do conhecimento, porém articulados em uma perspectiva de unidade, progressividade, à função social. Cada área do conhecimento apresenta o desafio de promover a ampliação para aprendizagens contextuais, dialógicas e significativas em que o ponto de partida seja orientado por

levantamento de conhecimentos prévios do grupo de estudantes com o qual o professor atua.

Assim, a organização considera as especificidades de cada área, no sentido de explicitar essencialidades à aprendizagem e promover o trabalho interdisciplinar articulado com eixos transversais da Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação, para os Direitos Humanos e Sustentabilidade, e os eixos integradores que articulam a alfabetização, os letramentos e a ludicidade.

Portanto, a concepção pedagógica das escolas é a de trabalhar de forma significativa o sistema de escrita (alfabetização), de forma articulada as práticas sociais de leitura e escrita (letramento), de maneira prazerosa e criativamente por meio do jogo, da brincadeira e do brinquedo (ludicidade) articulada com o currículo em movimento da Secretaria da Educação.

Os objetivos e conteúdos deverão representar a possibilidade que o estudante tem de avançar em suas aprendizagens, assim estará em consonância com o currículo integrado e de progressão. A organização curricular tem o propósito de discussão e reflexão da prática pedagógica para além da sala de aula, ampliando-a para toda unidade escolar e sua comunidade, como exercício de planejamento coletivo e de ação concretizadora da proposta pedagógica.

O currículo orienta a prática pedagógica da escola; propondo a perspectiva de instigar, provocar, seduzir o aluno para o desejo de aprender, por meio de relações que possam ser estabelecidas entre conteúdos e a realidade. Na fala de uma das professoras entrevistadas pode ser constatada a concepção pedagógica baseada no currículo em movimento:

Currículo em movimento [...] tem que trabalhar muito os conteúdos de forma que as crianças realmente participem. Elas têm que participar, não é aquele entendimento errôneo que tivemos antes no construtivismo, que você joga as coisas e a criança aprende só. Não, ela tem que ser direcionada. E aí a gente tem que trabalhar com os eixos né?! Os eixos transversais que é a questão da cidadania, da educação para a sustentabilidade, a educação para a diversidade... tudo isso né?! E os eixos que a gente fala muito no PNAIC que são os integradores que é a alfabetização, o letramento e a ludicidade. Então tá lindo assim o currículo, todas as páginas têm os eixos transversais, os eixos

integradores e aí eu acho que se a gente tentar seguir mesmo isso e a nossa escola já tá até registrada no PPP, já fala sobre a avaliação formativa. (Professora da Escola classe do 1º ano)

As professoras acreditam, também, que a concepção pedagógica da escola é trabalharem a alfabetização, enfatizando a realidade dos alunos de forma contextualizada e com o trabalho coletivo entre os professores, coordenação pedagógica, supervisão pedagógica e direção com o intuito de priorizar o pedagógico e a qualidade da educação, porém essa visão declarada é contrariada na pesquisa como é possível constatar na fala de uma das professoras entrevistadas:

Eu acho que a coletividade do trabalho dos professores em si, uns com os outros, a coordenação pedagógica, supervisão pedagógica, direção ainda tá muito fragmentado cada um por si, cada um no seu cantinho, no seu quadrado quando dá errado aquela coisinha vai. Mas não tem aquele grupo coletivo hoje a escola tá assim. Quando eu entrei há dez anos atrás nessa escola a gente tinha uma coletividade muito boa. Tudo que a gente fazia era em base, em cima de projetos, eram os projetos desse mês eram trabalhados sobre isso. Meio ambiente, trabalhar sobre o dia das mães. Então muda de direção, muda a realidade infelizmente. E acaba desejando a desejar (Professora da Escola classe do 2º ano).

A professora do 2º ano ainda ressalta que reconhece que o trabalho pedagógico integrado é difícil porque muitas vezes os profissionais ficam como ela diz:

Apagando incêndio em salas como: brigas, confusões... e os alunos que tem realmente dificuldade de aprendizagem que precisam de um diagnóstico nós não temos os profissionais pra fazer esse diagnóstico por nós como: psicólogo, fonoaudiólogo quando a gente encaminha para uma criança procurar a rede de saúde tem dificuldades das consultas médicas então a gente fica amarrado em muitas situações. (Professora da Escola classe do 2º ano)

Observa-se que a concepção pedagógica que as professoras declaram e que também as gestoras entrevistadas defendem é de uma concepção integradora, coletiva, que priorize o pedagógico em detri-

mento do administrativo. É a concepção para uma educação libertadora, crítica e com um currículo regulador, porém que privilegiem os aspectos da pessoa humana para sociedade, contemplando o ensino-aprendizagem que torne o cidadão crítico e que exerça a cidadania.

Entretanto, percebe-se que uma das entrevistadas relata não haver trabalho integrado e coletivo, falta envolvimento para essa educação transformadora. As gestoras responderam, nos questionários, a pergunta “Qual a concepção pedagógica desta escola?”, e as respostas foram transcreverem o que constava no Projeto Político Pedagógico da escola, sem qualquer adaptação, ou seja, copiar, colar, percebe-se assim, dúvidas, inseguranças, lacunas do que seja realmente a concepção pedagógica da escola, dessa maneira, utiliza-se um discurso pronto.

Ficou evidente, que o declarado nos documentos pedagógicos e projetos, entrevistas não condiz com a realidade praticada pela escola. A preocupação está mais voltada para suprir as necessidades educativas na alfabetização e preparar para alcançar resultados satisfatórios nas avaliações nacionais, como da “Provinha Brasil e Avaliação Nacional de Alfabetização ANA”. Verifica-se que o Projeto Político Pedagógico tem a proposta de vários projetos, porém a maioria é direcionada para alunos que já são alfabetizados. Inclusive a professora na entrevista destaca

[...] a gente aqui tem vários projetos aqui na escola que trabalha, por exemplo, valores. A gente trabalha valores toda semana hoje era o dia da historinha, que a gente conta no pátio, inclusive sou eu que conta a história, trabalhando um valor por semana, tem até uma árvore dos valores que a gente vai colocando lá tem completinho a gente vai lá o coloca as maçãs na árvore os valores trabalhados com as crianças, mas mesmo assim o incentivo desse projeto é falho, por que a gente conta na escola, trabalha na escola e esses valores não são reforçados na família infelizmente, então esses valores ficam assim... são trabalhados mas não efetivados dentro da vida da criança e o objetivo é esse (Professora da Escola classe do 1º ano).

Compromisso político, ideológico com o trabalho docente

Para a professora da Escola de classe do 1º ano, existia um compromisso da equipe em relação aos aspectos político, ideológico com

o trabalho docente. Era uma preocupação real e que sempre buscava uma melhoria. Para a professora, os momentos de refletir e avaliar essas dimensões são importantes e a escola tem realizado esses momentos a partir de reuniões e encontros.

Percebeu-se que existia o momento em que os alunos podiam se expressar, dialogando e refletindo sobre o que era dito. A professora tinha um respeito à liberdade do falar e valorizar os conhecimentos prévios, porém, assim também, como a gestão da escola, procurava compensar as carências, ausências que esses alunos tinham, pois conforme foi declarado na entrevista a escola era colorida, com muitos desenhos e pinturas bonitas nas paredes, porém existia um vazio nessas imagens, porque retratava aquilo que os alunos ou a escola não tinha, como flores, plantas, animais, frutas, verduras, pois até o lanche dos alunos era dado para os alunos logo após o início das aulas da manhã, porque muitos alunos estavam com fome em decorrência de não terem comido nada até o momento.

Nas observações, o que destacou foi o dia que os professores da escola estavam arrecadando dinheiro para a festa natalina do final do ano, pois o lanche desse dia estava sendo vendido para os alunos, por um pequeno valor, sendo cachorro quente e refrigerantes, contudo uma parte dos ingredientes do cachorro quente era da própria merenda fornecido pelo governo na escola, ou seja, algo que o aluno já tinha o direito. Os professores e comunidade da escola não percebiam que eles próprios estavam contribuindo com a exclusão e marginalização da escola, sempre dando um jeito na busca de soluções para os problemas de carências, mas que acabava contribuindo com a marginalização e mascaramento da realidade escolar. Inclusive na fala da professora do 2º ano, demonstra a questão de pagarem para terem condições mínimas de trabalho.

Tem professores que tem um empenho muito bom, a maioria dos professores tem um empenho muito bom, a gente mesmo ficou seis meses sem máquina de Xerox na escola, então a gente teve que gastar dinheiro do nosso bolso pra tirar cópias às professoras compraram impressora. Foi seis meses sem cópia, sem Xerox, não tinha! A gente tinha que pagar! Eu mesma, um mês gastei uns trezentos reais, meu esposo até reclamou “Cê trabalha pra gastar com a escola ou pra ganhar dinheiro? Tem que trabalhar pra

ganhar dinheiro não pra gastar com a escola.” eu até ri dele. Aí é as professoras muitas compraram impressora que tem jato de tinta grande pra imprimir. Então assim, eu vejo empenho do professor é além daquilo que lhe é cobrado. A gente não tinha armários... comprometimento de muitos professores, acho que 90% bem comprometidos, a gente comprou armário, a professora comprou o dela eu comprei o meu, porque gente não tinha armário, não tinha onde guardar nossas coisas. Então assim, eu vejo que isso é um trabalho assim feito com muito empenho. E eu acho que a direção também não tem nem culpa, porque recursos... quando a gente conseguiu comprar a máquina de Xerox foi com o dinheiro da APM que os alunos enviaram, que a gente deu entrada na máquina e tá pagando as prestações que chama duplicadora (Professora da Escola classe do 2º ano).

Foi possível verificar que as professoras associaram o compromisso político, ideológico com a perspectiva de suprir as necessidades materiais das escolas como livros, armários, quadras, materiais pedagógicos, computadores dentre outros, sendo que a processo pedagógico na alfabetização ligado ao fato de apenas aprender a ler e escrever, nem é mencionado.

Isso demonstra que as palavras e os signos são permeados de fios ideológicos refletindo as tramas das relações sociais de domínio político e econômico. A comunicação poderá produzir mudanças, transformações sociais ou manter o ajustamento dos interesses de apenas uma classe econômica e política. Por isso, é necessário não separar a ideologia da realidade material e das formas de comunicação concreta, pois o ser refletido no signo, na linguagem refrata os interesses sociais e a luta de classes (BAKHTIN, 2004).

As concepções pedagógicas das escolas pesquisadas refletem uma prática ideológica de falseamento da realidade. Na pesquisa, constatou-se que está presente a ideologia que representa uma falsa ideia de coletividade, unicidade, movimento, mas articulado ao sistema administrativo e burocrático. O pedagógico é compreendido como metas a serem alcançadas de alfabetização e letramento. A interdisciplinaridade, currículo integrado, mesmo existindo nos documentos e nas falas dos entrevistados, nas observações diretas não se constatou na prática.

A prática docente sob essa ótica não educa na perspectiva de uma tomada de consciência crítica e para que os alunos no futuro alcancem à práxis (KUENZER, 1989). Saviani (2008) afirma que a práxis

educativa é a unidade teoria-prática e que uma reflete a outra. Por isso, a prática significativa não poderá estar desvinculada das ações de conhecimento, de identidade, de avanço e de reflexão das contradições. Freire (1996) afirma que uma prática pedagógica séria, comprometida educa a fim de que os educandos participem das experiências política, ideológica, gnosiológica e de ética.

Há preocupação em conseguir a valorização pela qualidade pedagógica por meio de dados quantitativos, tendo um bom desempenho nas avaliações nacionais, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), Prova e Provinha Brasil.

Nas observações verificou-se que nos dias que estavam sendo realizadas as provas da ANA e da Provinha Brasil, os professores e gestores da escola ficaram tensos e havia toda uma logística para que não ocorresse qualquer barulho ou algo que fosse perturbar os alunos que estavam realizando as provas. Inclusive uma das escolas pesquisadas suspendeu o recreio e providenciou que os alunos lanchassem na sala de aula a fim de zelar pelo silêncio da escola.

A ideologia é um processo realizado conscientemente, porém com uma consciência que não condiz muitas vezes com a realidade, porque passa a ilusão de que as ações humanas decorrem de decisões livres e soberanas, não articulando com o meio social. (SEVERINO, 1986).

O trabalho docente crítico decorre da Pedagogia Histórico-Crítica que propõe uma educação para libertação da opressão capitalista a partir da prática social (problematização), dos instrumentos teóricos e práticos (instrumentação) e da incorporação de elementos integrantes da vida dos educandos (catarse) (SAVIANI, 2008).

A educação deverá ser um meio para efetivar a cidadania, a competência do ser mais em um devir a ser permanente, que torne o educando um ser pensante a partir do diálogo comunicativo (FREIRE, 2007). Percebe-se que a concepção pedagógica está atrelada ao cuidado de ter um discurso que não contrarie os objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico ou ao currículo imposto pela Secretaria de Educação. Quando é realizado o cruzamento das respostas dos professores e gestores fica explícita a preocupação em administrar a escola, sala de aula, alfabetização e avaliações. Assim, a questão administrativa e burocrática prevalece em detrimento do pedagógico.

A educação não poderá reduzir-se ao puro processo técnico e mecânico de transferir conhecimentos, mas do respeito ao pensamen-

to, aos gostos, aos receios, aos desejos, à curiosidade dos educandos. E nessa conjuntura estão os pedagogos sendo proletarizados, reduzido a um escriturário que executa ordens dos outros dentro de um sistema burocrático e com isso há o desaparecimento de uma pedagogia crítica, transformadora e de práticas sociais de oposição (GIROUX, 1987, 2001).

Percebe-se que a ideologia pode ser representada pela gestão, pelo pouco diálogo com a equipe escolar, também pela ausência e parceria com o professor.

Diante da conjuntura observada e verificada, das escolas pesquisadas, a gestão precisa assumir um papel contra hegemônico e de consciência crítica a partir de um trabalho dialógico e coletivo com os professores. É essencial tornar os professores agentes partícipes do processo de gestão da escola, suscitando a gestão democrática e participativa. O projeto político e pedagógico precisa sair do papel e se tornar realidade no ambiente escolar com a participação da liderança dos professores e toda a comunidade escolar.

O projeto político pedagógico poderá representar a educação emancipadora ou mantenedora de uma ideologia da marginalização. Veiga (1995) diz que gestão escolar deverá viabilizar um projeto político pedagógico globalizador e interdisciplinar, prever formas democráticas de organização e funcionamento da escola, incluindo relações que desenvolvam os principais agentes e atores da escola, que representam e trazem consigo a realidade circundante que fazem parte.

Salienta-se que a ideologia pode ser reproduzida como manutenção e reforçamento da classe hegemônica, de forma “[...] inconsciente, uma vez que suas estruturas atuam como um processo que escapa a consciência do homem [...]” (SEVERINO, 1986, p.46).

Uma vez por semana era realizada uma atividade diagnóstica para identificar as dificuldades dos alunos, era possível identificar quem estava no nível pré-silábico, nível silábico, silábico-alfabético e alfabético, assim identificavam-se as dificuldades dos alunos para as possíveis intervenções para a aprendizagem e alfabetização dos alunos, contudo, nem sempre as intervenções são possíveis, pois é preciso avançar com o planejamento semanal das atividades e conteúdos curriculares. Kleiman (1995) destaca que no modelo ideológico as práticas de letramento são aspectos não apenas de cultura, mas de estruturas de poder numa sociedade. Assim percebe-se que a professora se torna refém, sendo silenciada pelas questões burocráticas de planejamento, de cumprimento

de calendário, de atividades escolares sem ter a consciência que reforça as estruturas ideológicas de poder.

Considerações finais

A concepção pedagógica de professores e gestores da alfabetização é compreendida como atingir metas de alfabetização e letramento. A interdisciplinaridade, currículo integrado, mesmo existindo nos documentos e nas falas dos entrevistados, nas observações diretas, não se constatou na prática.

A concepção numa perspectiva ideológica está no autoconvenimento que está contribuindo com o processo pedagógico de qualidade, porém torna-se contraditório na manutenção de momentos de treinamento para as avaliações nacionais a fim de alcançar resultados satisfatórios. A ausência da gestão, imersa nas questões administrativas, nas discussões, reflexões pedagógicas e a falta de um trabalho coletivo com os professores, reforça inconscientemente a manutenção da hegemonia e a ideologia de silenciar os oprimidos.

A educação e a alfabetização são vistas em uma concepção administrativa e de gerencialismo da escola, adormecendo assim as consciências, legitimando a marginalização do sistema educacional.

Os compromissos históricos, político, ideológico com o trabalho docente confunde-se com perspectiva de comprometimento com o trabalho, demonstrando que não há compreensão do papel transformador e contra hegemônico da educação.

É preciso perceber que as ausências nas discussões, instrução, transmissão de conhecimento e discursos de valores para o ajustamento, são também formas de domesticar, moldar para continuidade de explorações, marginalizações em detrimento da liberdade do pensamento, criticidade e emancipação a partir da educação.

A organização curricular prioriza o planejamento unificado de conteúdos, a integração dos conteúdos e do corpo docente, porém são esquecidas as individualidades dos alunos, a aprendizagem, a valorização das diferenças, além da autonomia e emancipação do aluno.

Outra situação constatada é o treinamento, uma vez por semana, para as avaliações da alfabetização, os alunos começam no primeiro ano a fazerem atividades no modelo da avaliação a fim de que a escola obtenha bons resultados quando forem realizar as provas. Percebe-se a

pressão que a escola, professores e alunos precisam enfrentar para conseguirem atingir resultados quantitativos satisfatórios.

No entanto, a professora e a escola têm que refletirem criticamente quanto ao seu papel na sociedade na construção da leitura e da escrita na perspectiva do letramento e do seu papel transformador na educação e na vida dos educandos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 9 ed. Petrópolis, RJ, 2012.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FLICK, UWE. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 30 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2007.

GIROUX, H. A. **Escola crítica e política cultura**. São Paulo: Cortez, 1987.

GIROUX, Henry A. **Theory and resistance in education: towards pedagogy for the opposition**. Bergin & Gravey, London, 2001.

GRAMSCI, Antônio, 1891-1937. **Cadernos do cárcere**, volume 2. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1989.

MACEDO, Donaldo. **Alfabetização, linguagem e ideologia.** *Educ. Soc.*, Campinas, v. 21, n. 73, p. 84-99, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-7330200000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-7330200000400007>.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento.** São Paulo: UNESP, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 10. ed. Revisada. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** 41.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** 10 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SCHNEIDER, Magalis B. D; GOMES, Jéssica Pereira. **A prática pedagógica docente: Criar e reinventar a matemática na alfabetização.** XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO -EDUCERE. PUCPR, 2015. Disponível: <educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19087_8189.pdf>. acesso em 13/06/2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- **Educação, ideologia e contra-ideologia.** São Paulo: EPU, 1986.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Editora Ática, 2006.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Educação básica: Projeto político-pedagógico; Educação Superior: Projeto político-pedagógico** Campinas: Papyrus, 1995.

Recebido em novembro/2016

Aceito em março /2017